

EDITORIAL

UM RELICÁRIO DE MEMÓRIAS DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO DA REGIÃO SUL: O PASSADO SEMPRE PRESENTE NA POLÍTICA E NA EDUCAÇÃO

A RELIQUARY FULL OF PEDAGOGICAL THINKING MEMORIES ABOUT SOUTHERN BRAZIL: THE PAST KEEPS ITS PRESENCE IN POLITICS AND EDUCATION

UN RELICARIO DE RECUERDOS DEL PENSAMIENTO PEDAGÓGICO DE LA REGIÓN SUR: EL PASADO SIEMPRE PRESENTE EN LA POLÍTICA Y LA EDUCACIÓN

Maurício Roberto da Silva
mauransilva@gmail.com

Ivo Dickmann
educador.ivo@unochapeco.edu.br

Maria de Lourdes Bernartt
marialbernartt@gmail.com

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: SILVA, M. R.; DICKMANN, I.; BERNARTT, M. L.

Um relicário de memórias do pensamento pedagógico da Região Sul: O passado sempre presente na política e na educação. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 17, n. 36, p. 04-13, set./dez. 2015.

“O mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de certo modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos, afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos. Além dos afetos que alimentamos a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos as ações que cumprimos as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião. Que nos seja permitido viver enquanto as lembranças não nos abandonarem e, enquanto, de nossa parte, pudermos nos entregar a elas¹.

1. O PASSADO SEMPRE PRESENTE...

“o passado não reconhece o seu lugar – está sempre presente”

(Mário Quintana)

A Revista Pedagógica, em seus editoriais, tem como *habitus* político-científico-pedagógico, situar o leitor sobre as questões macro-sociais da conjuntura política e econômica que, de algum modo, reverbera nas problemáticas educacionais. Nesta edição, referente ao período quadrimestral do ano de 2015, ao publicar a primeira parte do dossiê (auto) biografias do pensamento pedagógico da Região Sul, não poderia ser diferente. Nesse contexto turbulento (no Brasil), disponibilizamos a primeira parte de um verdadeiro relicário de (auto) biografias do dossiê. Assim, em meio à crise ética, política e econômica que perpassa o país na atualidade, publicamos mais

¹ BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.30.

² CHAÚÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 11-12.

³ CHAÚÍ, Marilena. **Entrevista á Revista Cult**, n. 209, ano 2009, 2016, p. 10.

⁴ CHAÚÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Cortez, 2011.

uma edição da revista, dedicando, inicialmente, algumas linhas sobre essa situação, para a qual não podemos fechar os olhos. Neste momento, é visível uma ameaça à democracia até agora conquistada, conforme já mencionamos na última edição, contrastando com esse emaranhado de golpismo, no âmbito da ética conservadora e, em tempos de perigo de um possível retrocesso à ditadura militar, em tempos de criminalização dos movimentos sociais e dos partidos com alguma orientação à esquerda.

Esta edição é veiculada num espaço de luta pela democracia substantiva no Brasil, principalmente, num momento histórico em que a democracia se encontra ameaçada pelo movimento conservador, reacionário, de extrema direita, profascista, comandado pelas elites políticas brasileiras e seus sócios capitalistas internacionais. Nesse momento histórico, marcado pelo conservadorismo da elite “branca” e ameaça aos princípios republicanos democráticos, o que está em pauta é o chamado “golpe” ao mandato da Presidenta Dilma Rousseff (referendado por mais de 54 milhões de brasileiros, democraticamente, nas urnas), que se consubstancia com argumentos forçados, ilegais e inconstitucionais ao seu “impeachment”. Trata-se, portanto, de um imperdoável despeito às regras do Estado Democrático de Direito. É isso que vem comandando a pauta política, conforme anuncia Marilena Chauí, no seu livro *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas (2011)*². Neste imbróglio, há uma grande dificuldade para instaurar e consolidar a instituição de uma democracia substantiva, numa sociedade vertical, oligárquica, conservadora hierarquizada e estruturada na violência estrutural. Esse conservadorismo, constituído pela mídia burguesa e o Congresso Nacional é reforçada com o reacionarismo da classe média urbana e a presença avassaladora das igrejas evangélicas, que culmina por se expressar politicamente nos grupos das chamadas bancadas do “boi, bala e Bíblia”³.

A situação atual evoca lembranças de um passado recente e é de suma importância para a área da Educação. Essas questões são fulcrais para a formação ético-política de crianças, jovens e adultos, do ensino fundamental ao ensino superior. Esse tempo em que vivemos, de conservadorismo no Congresso Nacional e sua ética na política, precisa ser refletido criticamente, pois, trata-se de um processo, que amalgama, num só projeto, “ódio de classe”, raça/etnia, gênero e outros. Todo esse ódio representa um retorno ao passado e, por conseguinte, que se constitui num risco à democracia conquistada após a Ditadura Militar de 1964, cuja ameaça se dá, a partir da articulação perversa e violenta entre o autoritarismo dos políticos da elite brasileira e a acumulação capitalista neoliberal⁴. Nesses, meandros, vigora, sob a égide do neoliberalismo, o encolhimento do espaço público e o alargamento do espaço privado, ou o que ficou conhecido como privatização. Some-se a isso, o processo de encolhimento da democracia, mediado pelo conservadorismo da classe média urbana e pela presença

avassaladora do fundamentalismo religioso das igrejas evangélicas, além da imponência dos que se declaram Maçons. O comum entre esses grupos é a defesa enfática da Tradição, Família e Propriedade (TFP), em termos latos. Um pouco de conhecimento de História e de História da Educação é esclarecedor sobre o papel e o significado da TFP para a sociedade brasileira. Na verdade, trata-se de uma insólita (mas não casual) articulação do autoritarismo brasileiro com a acumulação capitalista neoliberal, bloqueando a criação da cidadania⁵.

⁵ Ibid.

Essas imagens do presente terminam por evocar o passado, trazendo consigo a necessidade do enfrentamento as práticas de opressão e tortura da ditadura militar e a perseguição aos movimentos sociais e sindicais. Por isso, quando estão em pauta as memórias dos intelectuais da Região Sul, é de suma importância volver ao passado e sua presentificação na definição da ética na política, dando movimento ao processo de construção dos trabalhos da memória⁶.

⁶ CHAUI, Marilena. **Apresentação: Os trabalhos da memória.** In: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 17-33.

2. OS TRABALHOS DA MEMÓRIA

As (auto) biografias, publicadas nesta edição, remetem-nos às memórias de experiências políticas e científicas, também anunciam questões que são oriundas de situações, episódios e eventos eivados de ontologias, epistemologias e ideologias. Nesse relicário de lembranças podem estar as chaves para a interpretação e a problematização de problemas da educação na Região Sul e no Brasil, em geral. Portanto, é imprescindível recorrer às memórias do passado e do presente desses intelectuais, visando buscar elementos teórico-metodológicos e teórico-práticos para a definição e a re-definição dos projetos político-pedagógicos; que estão desveladas nas trajetórias profissionais e pessoais, relatos orais, documentos e outras fontes.

Postas essas reflexões, pode-se dizer que a memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança. Ela é dotada de “componentes objetivos” e “componentes subjetivos”. Os componentes objetivos são as atividades físico-fisiológicas e químicas de gravação e registro cerebral das lembranças, assim como, a estrutura do objeto a ser lembrado. Os componentes subjetivos são: a importância do fato e da coisa para nós; o significado emocional ou desenvolvimento de nossos conhecimentos: o prazer e a dor que um fato ou alguma coisa produziram em nós, etc. Dizendo de outra forma, “mesmo que nosso cérebro grave e registre tudo, não é isso a memória e sim o que foi gravado com um sentido ou com um significado para nós e para os outros”⁷.

⁷ Ibid.

Neste sentido, somos os “únicos guardiões” daquilo que lembramos. Por isso, “não desperdicemos o pouco tempo nos resta. Percorramos de novo nosso caminho. As recordações virão ao nosso auxílio”. Contudo, “as recordações

⁸ BOBIO, Norberto. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.30.

⁹ LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, 12^a. Edição.

¹⁰ NUNES, Clarice (Org.). **O passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992, p.7.

¹¹ QUINTANA, Mário. **Antologia Poética**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

¹² HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo, Companhia da Letras, 1995, p. 12.

¹³ Ibid.

não aflorarão se não as formas procurar nos recantos mais distantes da memória. O lembrar é uma atividade mental que, ao exercitamos com frequência, é desgastante e embaraçosa. Mas é uma atividade salutar”⁸. E porque é salutar no ponto de vista histórico, cultural e social, pensemos nos desafios da memória do passado e do presente, pois “o presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará em um imediato que absorve o instante presente e torna-o passado”⁹.

Com efeito, diante do que foi evocado anteriormente, sobre a possibilidade de retrocesso à ditadura militar e outros eventos históricos de opressão, “é preciso acertar contas com o passado”, pois, “o passado nunca se entrega a nós, mas nos envia sinais cifrados do seu misterioso desejo de redenção”. Sendo assim, “cabe a cada geração, na luta silenciosa com e contra outras gerações, desnudar esse desejo, liberar as energias humanas dolorosamente encarceradas no passado e engrossar a corrente da luta contra o perigo constante de ceder à opressão”¹⁰. Nestes termos, no ponto de vista da memória histórica, é preciso compreendê-la como forma de produzir ciência, cultura e política. Todavia, isso só é possível se pensarmos “o passado sempre presente”, ou seja, “o passado não reconhece o seu lugar – está sempre presente”¹¹. Isso significa pensar o passado, diante das evidências do presente; significa pensar o passado de forma dialética e espiralada da história, com seu movimento e dinâmica, onde passado, presente e futuro não possuem planos determinados, um constante ir e vir e, portanto, “localizando as raízes do presente no solo do passado e vice-versa”¹². Certamente, o que nos espera como devir, “terá sido moldado pelo breve século XX” e, neste sentido, o ofício dos historiadores “é lembrar que os outros esquecem e que a memória sempre pertence a nossa época e está intimamente ligada ao eterno presente: a história é uma representação do passado”¹³.

3. UM RELICÁRIO (AUTO) BIOGRÁFICO DE LEMBRANÇAS

As lembranças que aparecem nos textos (auto) biográficos fazem parte de alguns aspectos das histórias de vida delimitadas para a trajetória desses sujeitos na produção e difusão do conhecimento realizada na academia e em diálogo com os problemas públicos da realidade educacional. Isso é fazer história. Para nós, editores, a história é compreendida como a “medula do estudo social” e uma permanente atualidade e, por isso, deve trazer os acontecimentos do passado, redimensionando-os no presente e anunciando o futuro, principalmente, porque sem o uso da história e sem o sentido histórico das questões psicológicas, sociais, culturais, econômicas, políticas e pedagógicas, os cientistas sociais e os educadores não podem adequadamente, formular os diversos tipos de problemas

¹⁴ MILLS, Wright. **A imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 156.

¹⁵ MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica**. São Paulo: Loyola, 2002, p.125.

¹⁶ SOUZA, Elizeu C; BALASIANO, Ana Luiza G.; OILVEIRA, Anne-Marie M. **“Escrita de si”, resistência e empoderamento**. Curitiba, PR: CRV, 2014.

concretos e relevantes, que se constituam em “pontos cardeais de seus estudos”¹⁴.

Essa edição traz para o debate o dossiê intitulado “Pensamento Pedagógico da Região Sul: biografias, autobiografias, legados e contributos para a educação brasileira”. Os objetivos principais são: a) recuperar as memórias dos pensadores da educação da Região Sul - biografias, autobiografias, legados e contributos de intelectuais, visando destacar as repercussões de suas obras para as práticas educativas, científicas, políticas e sociais da região e para a produção acadêmica brasileira; b) inaugurar uma seção permanente na revista para veicular as biografias e autobiografias dos diversos intelectuais da educação brasileira. Basicamente, o intuito é trazer para a reflexão as produções dos intelectuais da Região Sul, tanto das universidades, quanto dos movimentos sociais e outras instituições universitárias públicas, privadas, comunitárias e confessionais.

Os critérios para a publicação das memórias levaram em consideração a produção de estudiosos ou “pessoas significativas”¹⁵ para a comunidade acadêmica, isto é, aquelas portadoras de referências precisas em relação às problemáticas pungentes e polêmicas da educação brasileira formal e não-formal. Em outras palavras, trata-se de refletir sobre o “impacto” social e acadêmico da obra desses mestres e mestras; além das perspectivas de superação, que suas obras reverberaram no passado, no presente e indicações para o futuro da educação na Região Sul e no Brasil. No sentido de nortear a construção do dossiê, divulgamos em 2015 na *homepage* da Revista Pedagógica a seguinte ementa: “Biografias e Autobiografias de intelectuais da Região Sul. Trajetórias de formação. Trajetórias na produção do conhecimento. Perspectivas epistemológicas e políticas da obra dos autores investigados. Relevância acadêmico-social da produção do conhecimento dos intelectuais. A atualidade dos aportes teórico-metodológicos epistemológicos dos intelectuais de ontem e de hoje para as diversas problemáticas da educação”.

Para que a materialização fosse possível, convidamos também alguns pensadores para participar dessa edição, a qual será publicada em duas partes, uma vez que recebemos vinte biografias: “Biografias e Autobiografias I e II”. Em linhas gerais, os textos foram produzidos a partir dos próprios intelectuais (“escritas de si”¹⁶) ou por familiares, pesquisadores orientandos ou ex-orientandos dos biografados.

O número de biografias e autobiografias revela a significativa relevância dessas publicações regionais e nacionais, principalmente, se levarmos em conta os debates nacionais e internacionais, publicações e eventos realizados pela BIOGRAF. Um dos objetivos dessa instituição é “valorizar o exame atento das narrativas (auto) biográficas como portadoras de saberes, práticas e significações no âmbito da criação científica, experiências de vida, invenções artísticas ou do cotidiano em suas diversas temporalidades,

¹⁷ BIOGraf– Associação Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica. www.biograph.org.br

¹⁸ MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Viver para contar**. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2003.

¹⁹ FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 143. O autor refere-se à sua saída da Secretaria Municipal de Educação, na cidade de São Paulo, no governo de Luíza Erundina, pelo PT, em 1991.

²⁰ QUINTANA, Mário. **Mário Quintana: para viver com poesia**. Seleção e Organização Mário Vassallo. São Paulo: Globo, 2008, p. 9-10.

²¹ HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004, p. 31

²² HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004, p. 31

espaços, formas de registro e alcance em diversos eixos de reflexão¹⁷.

Uma nota de destaque merece espaço neste editorial. Trata-se da importância e reconhecimento, atribuída por nós, tanto aos “aos que se foram”, numa espécie de justas (auto) biografias póstumas em reverência e referência ao passado, quanto aos que ainda “viver para contar”; procurando contemplar as memórias dos pensadores que ainda “atuam” na vida acadêmica, produzindo textos, livros, emitindo pareceres, prestando consultorias, ministrando conferências e outras práticas científicas. A nossa concepção e prática inspirou-se em duas obras: Gabriel Garcia Marquez¹⁸ e Paulo Freire¹⁹. No limiar das metáforas, respectivamente, de Gabriel Garcia Marquez “Viver para contar” e de Paulo Freire “Manifesto à maneira de quem, saindo fica”, forjamos a idéia de que tanto “quem partiu”, quanto “que ficou”, podem deixar legados, impactos e reconhecimento pelo conjunto de suas obras. Essa compreensão do papel das memórias póstumas e dos que vivem, pode ser ancorada nos versos de Mário Quintana: “a vida nutre-se da morte, e não a morte da vida, como julgam os pessimistas. A morte é o aperitivo da vida.... a morte não faz esquecer, mas faz tudo lembrar”²⁰.

As (auto) biografias publicadas nesta edição trazem consigo memórias individuais, mas que tem caráter coletivo, pois dizem respeito aos legados coletivos deixados, para se repensar a educação brasileira, a partir da produção do conhecimento realizada na Região Sul. Muitas dessas produções memorialistas possuem repercussão, tanto local, quanto e nacional nas cenas acadêmica e política. Nestes termos, as biografias e autobiografias publicadas, convertem-se em “memórias coletivas”, que terminam por ultrapassar a dimensão meramente individual das trajetórias histórias de vida pessoal, tendo em vista a relevância acadêmico-social que as sustentam. Destacamos essa questão, porque as memórias de um indivíduo nunca são propriamente só suas, considerando que as lembranças de suas práticas culturais, históricas e sociais, não podem existir fora da realidade social em que vivem, uma vez que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade²¹. Em suma, a memória é uma reconstrução psíquica, histórica e intelectual, que traz consigo as representações seletivas do passado, conforme já mencionado. O passado nunca é construído alheio aos aspectos da vida social e coletiva (memória social e histórica); mas sim, de aspectos, episódios e situações da vida cotidiana individual (memória pessoal), que é construída num dado contexto, historicamente situado, no âmbito pessoal, familiar, institucional, social, local, nacional e internacional. Assim, toda memória é também coletiva²².

4. APRESENTANDO AS JOIAS DO RELICÁRIO DE MEMÓRIAS

Ao abrir o relicário de tantas memórias, deparamo-nos com a sensação de que pensamentos vivos, que

²³ Palavra semente é um termo utilizado por Brandão (2014, p. 53-66), no jogo das palavras-sementes que “começa assim, vai indo assim, continua assim, acaba assim”, mas nunca tem fim; que visa construir a partir das palavras geradoras de Paulo Freire uma leitura e compreensão de mundo e sua problematização. (Cf. BRANDÃO, C. R. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: Expressão Popular, 2014).

“começam assim, vão indo assim, continuam assim, acabam assim”, mas nunca tem fim”, porque contém conhecimento e vida! As narrativas eivadas de ontologia, epistemologia e ideologia, constituem-se num conjunto de textos-vidas, palavras sementes²³, partilhas que vão além do simples que-fazer pedagógico de cada um e cada uma desses educadores e educadoras que doaram a vida pela causa da educação, como uma missão a ser cumprida. Estamos tratando do que de melhor produziram em favor do processo formativo de milhares de educandos-acadêmicos que entrelaçaram sua carreira acadêmica. Apresentaremos cada um deles sem a intenção de esgotá-los, mas de instigar no leitor e na leitora a vontade de avançar na leitura atenta de cada uma das biografias e autobiografias.

O primeiro texto, de *Joana Paulin Romanowski* da PUC-PR, “Do individual ao coletivo: possibilidades do movimento da pesquisa dos pesquisadores da região sul” faz um balanço das pesquisas realizadas pelos pesquisadores com bolsa de produtividade do CNPq, para conhecer o que eles estão produzindo, a relação dessa produção com a formação de cada pesquisador, a produção na área da ciência da educação e a intervenção nas políticas públicas. Embora não seja um texto biográfico, ele mostra algumas nuances da atuação dos principais pesquisadores da área educação.

Na sequência, temos a autobiografia de *Acacia Zeneida Kuenzer* da Feevale, que teve sua trajetória acadêmica ligada à UFPR e à temática da Educação e Trabalho. O texto apresenta sua história de vida desde a infância, passando pela formação escolar e profissional, para depois elencar uma sistematização da produção intelectual dividida em três núcleos centrais: “a pedagogia da fábrica, o ensino médio e a educação profissional, a formação de professores e a articulação entre trabalho, cultura e educação”.

O terceiro texto é a autobiografia intelectual do professor *Balduino Antonio Andreola*, ex-professor da UFRGS, hoje atuando no Centro Universitário La Salle – Unilasalle. Ele nos fala de sua vida pessoal e sua filiação acadêmica com os autores identificados com a defesa dos excluídos e comprometidos com outro mundo possível, mais justo e solidário, bem como de sua atuação na produção de conhecimento no “campo da educação, com ênfase à educação popular, à educação do campo, aos movimentos sociais e ao diálogo intercultural”.

O quarto texto, elaborado por *Natacha Eugenia Janata*, sobre a biografia de *Ari Jantsch* da UFSC, intitula-se “Ari Jantsch: trajetória de um *pequeno (ainda) agricultor* a professor universitário e reflexões *para a* educação do campo”. O texto teve como base a produção acadêmica do professor Ari na área da Filosofia da Educação, algumas entrevistas e um diálogo entre cinco sujeitos próximos ao biografado e, desse processo, concluiu-se que conhecimento e interdisciplinaridade são as duas palavras-chave do legado jantschiano.

A seguir, temos a autobiografia de *Attico Chassot*, com o título “Tessituras (ou hibridações) para uma autobiografia”, que na trama do texto apresenta os seus cinquenta e cinco anos de experiência em sala de aula como professor-pesquisador. A trajetória intelectual é apresentada a partir de trechos de livros, artigos, entrevistas, memórias do autor, suas permanentes publicações no blogue, além de apresentar como aditivo um pouco de sua “Fortuna Crítica” num movimento de “hibridização memorialista”.

No sexto texto, Marilda Pasqual Schneider, brinda-nos com a biografia da professora *Leda Scheibe*, emérita da UFSC, hoje na UNOESC: “Legado de Leda Scheibe à educação brasileira: contribuições no campo da formação de professores”. Ao descrever a história de vida da professora Leda, desde a infância gaúcha até sua passagem pela UFRGS e pela UFSC, apresenta-se sua produção na área da Educação e, em especial, sua preocupação com a “formação de professores para atuação na educação básica”.

Na sequência, Jéferson Silveira Dantas nos traz a biografia de mais um professor da UFSC, *Paulo Meksenas*: “Paulo Meksenas e a herança do pensamento moderno”. O texto demonstra a importância da atuação acadêmica na vida pessoal e profissional de Meksenas, além de apresentá-lo como um “sociólogo filiado à teoria marxista e teve sua militância ligada à igreja católica progressista, às pastorais sociais, às CEBs, a Teologia da Libertação e aos partidos de esquerda”.

O oitavo texto consiste numa autobiografia do *Padre Hilário Dick*, professor da UNISINOS, intitulada: “Comendo a utopia pelas bordas: autobiografia de Hilário Henrique Dick”. O legado do Pe. Hilário está intimamente conectado à sua atividade com as Pastorais da Juventude desde a década de 1970, em que a sua produção bibliográfica e sua identidade com o trabalho pastoral com os jovens brasileiros e latino-americanos o marcaram profundamente. O educador da juventude fala de sua vocação, sua missão e atividades acadêmico-pastorais num misto de memórias e utopias, como um mestre sempre aberto a ser aprendiz da juventude.

Nosso penúltimo texto consiste na autobiografia da professora *Maria Isabel da Cunha* da UNISINOS, intitulada “Docência, discência, vida, sentidos... Reflexões em torno de uma trajetória”. A professora “Mabel” constrói o texto a partir de sua trajetória pessoal e acadêmica, dando ênfase aos projetos de pesquisa que participou e coordenou, os quais resultaram em bibliografias que são referências até hoje aos demais pesquisadores na área da formação de educadores.

O último texto apresenta a autobiografia da professora *Nadir Zago*, hoje docente do PPGE da UNOCHAPECÓ, com o título: “Um itinerário de pesquisa em sociologia da educação: temas e orientações de trabalhos sobre escolarização nos meios populares”. Suas reflexões nos levam a compreender sua construção intelectual, ligação e

contribuições à Sociologia da Educação ao dialogar com autores como Freire, Bourdieu e Passeron. Ao escrever sua trajetória intelectual, a professora Nadir traz como “pano de fundo a temática das desigualdades sociais e escolares, central na sociologia da educação, associada às relações escola-família, os processos e as trajetórias de escolarização em famílias de baixa renda e capital cultural, em contextos rurais e urbanos”.

Além disso, é mister que façamos um destaque a respeito da capa desta edição. Ela contempla a imaginação, as mãos, os dedos, a criação e o corpo todo da artista e professora aposentada da UFSC, mas “ativa” nas lides e bordados da vida cotidiana *Vera Licia Vaz de Arruda*²⁴. Ela nos brinda com o bordado “A alegria de ser criança”. Quanto ao seu processo criativo de bordadeira, ela assim se manifesta: “muito prazeroso para mim, bordar crianças. Tive uma infância muito feliz, vivendo com minha grande família em uma fazenda, cercada pela natureza e por muito carinho”. “O bordado “A alegria de ser criança” foi realizado para participar de uma exposição durante a semana da criança. Nele, as crianças estão representadas em algumas brincadeiras que Franklin Cascaes reproduziu em argila. São atividades infantis na Ilha de Santa Catarina, de tempos de outrora, que Telma Piacentini reuniu em um livro publicado em 2010. Os beija-flores que fazem parte do bordado simbolizam a alegria e a leveza da infância. A menina no balanço sou eu, não faz parte das brincadeiras mencionadas no livro, mas está muito viva na minha memória”.

Ao encerrarmos esse editorial, convém lembrar que a próxima edição da Revista Pedagógica, a primeira relativa ao ano de 2016, intitulada “Biografias e Autobiografias II” dará continuidade a esta, com mais dez (auto) biografias dos seguintes intelectuais: Mário Osório Marques, Nilton Bueno Fischer, Maria Célia Marcondes Ferraz, Zélia Milléo. Pavão, Denise Leite, Rosa Maria Bueno Fischer, Elli Benicá, Ernani Maria Fiore, Ireno Berticelli, Sirlei Kroth Gaspareto. Com isso feito, daremos continuidade a esse projeto na seção intitulada “Biografias e autobiografias do pensamento pedagógico brasileiro”.

Queremos, por fim, ressaltar que com este editorial inauguramos a seção permanente “(Auto) biografias do pensamento pedagógico brasileiro” e reiterar uma parte da epígrafe de Norberto Bobbio, apresentada no início deste, ao dizer de forma peremptória, que é relevante fazer diuturnamente os trabalhos da memória do pensamento pedagógico brasileiro, lembrando que é preciso conservemos as lembranças, sem deixá-las apagar, pois delas, “somos o único guardião”²⁵. Para finalizar, agregamos mais um verso de Mário Quintana:...E eu que tanto desejava que minha biografia/terminasse de súbito simplesmente assim:/

²⁴ Mestrado em Biologia Celular e Molecular na Unicamp e doutorado em Ecologia na Unicamp. Fui professora de Ecologia no Depto de Ecologia e Zoologia da UFSC de 1980 a 2007. Participante do grupo Roda de bordado do Campeche de 2006 a 2014. Depois, continuou bordando individualmente.

²⁵ BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.30.

²⁶ QUINTANA, Mário. **Mário Quintana: para viver com poesia**. Seleção e Organização Mário Vassallo. São Paulo: Globo, 2008, p. 24-25.

“Desaparecido na batalha de Itororó/(Desaparecido? Meu Deus, quem sabe se ainda estou vivo?!)²⁶.”

Nossas saudações aos leitores e às leitoras! Desejamos que se deliciem e se sintam enredados e entrelaçados nesse mundo de memórias, que, em certa medida, inclui-nos todos(as)!

Os editores

Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva
Editor Geral

Prof. Dr. Ivo Dickmann
Editor Adjunto

Profa. Dra. Maria de Lourdes Bernartt
Editora Associada